

O Paradoxo da Liberdade - O Problema do Mal em Agostinho

Autor: Matheus Negri

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

RESUMO: O presente trabalho trata-se de uma exposição do pensamento agostiniano no que se refere a sua resposta ao problema do mal. Questão que tanto o afligiu durante a vida, seja no confronto contra os maniqueus ou com os pelagianos, que o perseguiu até seus últimos dias. O paradoxo da liberdade se evidencia no que se refere a solução encontrada pelo filósofo, colocando a liberdade e vontade humana no centro da discussão, pois o mesmo é herdeiro da cultura grega, que valoriza a ordem e a fatalidade, e romana, que valoriza o indivíduo e a liberdade. Posições paradoxais e excludentes entre si. Seu percurso intelectual para esta resposta inicia com sua entrada para o maniqueísmo, seu rompimento com a seita, sua conversão ao cristianismo e a leitura dos neoplatônicos, para assim construir sua resposta. **Palavras-chave:** Agostinho. Liberdade. Vontade. Mal.

INTRODUÇÃO

Seguirei o caminho apontado por Rogério M. de Almeida em seu livro intitulado *A Fragmentação da Cultura e o Fim do Sujeito* para analisar a complexidade, da questão da vontade, liberdade e do bem e do mal no decorrer das *Confissões* de Agostinho, composta de 397-401. Pois o bispo de Hipona apesar de exercer o magistério episcopal, o que levaria muitos ao dogmatismo e a posturas inflexíveis, Agostinho possui na dúvida, nas ambivalências e nos paradoxos fundamentais sua característica mais marcante.

Sem embargo, Almeida¹ assevera que a produção filosófica-teológica do filósofo africano se coloca, se escalona, se transforma, se repete, se interpreta e se relê consoante as metamorfoses, os questionamentos, as angústias e as descobertas que marcaram a vida e o pensamento de Agostinho, eis o paradoxo no pensamento agostiniano (Cf. ALMEIDA, 2012, p. 108). Por isso partiremos de suas *Confissões*, pois é nela que encontramos o desenrolar de suas questões sobre a vida, seu pensamento, amizades e estudos. Nosso ponto de partida será mais precisamente o livro VII, pois é neste tomo que encontramos suas reflexões sobre o problema do mal e a centralização da liberdade no eixo de sua resposta. Tenho por objetivo identificar o desenvolvimento e formação de sua resposta e como nosso filósofo enquadra a liberdade em tudo isso. O filósofo africano definia a liberdade como sendo ela mesma a causa dos movimentos (Cf. AGOSTINHO, 2011, p.55-57).

Para tanto a partir deste momento analisaremos o desenvolvimento de sua resposta para o mal tendo como ponto de partida suas *Confissões* procurando assim compreender como um homem dividido entre dois mundos, o grego e o romano, construiu sua resposta ao problema do mal e sua relação com a liberdade e vontade humana. Começaremos então a partir de sua participação na seita dos maniqueus.

1. DO MANIQUEÍSMO

A entrada de Agostinho no maniqueísmo é de suma importância para sua filosofia-teologia e principalmente para sua construção da resposta ao problema do mal. Em busca por respostas encontra nas doutrinas de Mani, inicialmente uma resposta ao mal, e permaneceu neste grupo por nove anos.

Segundo G. R. Evans (Cf. 1995, p. 29), em seu livro intitulado, *Agostinho Sobre o Mal*, a seita maniqueísta foi fundada no século III pelo profeta Mani, que dissera receber revelações diretas sobre a natureza de Deus e do universo. Mani, nome atribuído

1

Para Almeida a obsessão radical de Agostinho está na relação entre o bem e o mal, entre o destino e liberdade e entre o destino e o livre-arbítrio. “Trata-se, em última análise, de uma tensão que marca, pontilha e anima uma oposição que se desenrola no interior de dois termos que, paradoxalmente, só podem ser pensados nas suas relações mútuas de exclusão e inclusão, de separação e reunificação, de suspensão e reconciliação, de destruição reconstrução” (ALMEIDA, 2012, p.125). Evidenciando o paradoxo encontrado no pensamento agostiniano quanto a liberdade: o problema do mal. Para o autor o paradoxo da liberdade supõe uma multiplicidade de leituras e visões quando se tenta entender as ambiguidades da existência (Cf. *Ibid*, p.130).

a si mesmo que significa espírito luminoso, o fundador da seita, filho de persas que nasceu na Babilônia no ano de 216, faleceu condenado à morte depois de anos como peregrino e pregador em 272. Ele se autoproclamou mensageiro da verdade de Deus (Cf. SILVEIRA In: AGOSTINHO, 2005, p. xix). Suas ideias tiveram amplo aceitação no império romano, vindo de encontro com outras seitas gnósticas, que, segundo apresenta, chegaram ao norte da África no ano de 297 e atraíram muitos adeptos e no século VIII até a China.

Muito do que se sabe da doutrina maniqueísta está presente nos escritos de Agostinho, que na forma de um grande apologista refuta e combate tamanhas heresias. De seus livros para este trabalho foi escolhido *A Natureza do Bem*, que por ele foi escrito por volta do ano 399/400 da era cristã, com o objetivo de refutar a ontologia do mal proposto pelos maniqueus (Cf. *Ibid.*, p. xix). Sua refutação se dá na base de uma exclusão externa, visto que participou do grupo e agora luta contra ele.

A doutrina de Mani que Agostinho apresenta em seu livro consiste da existência de duas naturezas, uma boa chamada Deus e outra má chamada de matéria ou Satanás, que Deus não criou. Estas duas naturezas, coeternas, estariam presentes em todas as coisas criadas, o que fazia com que os maniqueus caíssem em grande erro por atribuírem alguns bens para a natureza má e alguns males para a natureza boa, fazendo assim uma grande confusão sobre as coisas criadas (Cf. *Ibid.*, p.53).

Nesta sua obra Agostinho (Cf. *Ibid.*, p. 59, 67) diz que os maniqueus possuíam alguns escritos que continham a sua doutrina, uma carta chamada de *Fundamento* e um compêndio de livros chamado *Tesouro*, que pelos menos continha sete livros. Na carta, *Fundamento*, afirma que algumas almas eram da mesma substância que a de Deus, e que estas não havia pecado livremente e que tinham sido subjugadas pela natureza má, como aconteceu na criação de Adão, onde ele foi criado pelo príncipe das trevas para reter a luz, luz referente à alma humana, que é da mesma substância de Deus (Cf. *Ibid.*, p. 73-75). Estas duas naturezas estariam em um confronto eterno, onde a natureza má causaria dano à natureza boa e a natureza má sofreria dano pela natureza boa.

No compêndio intitulado, *Tesouro*, Mani afirmava que o mal era uma substância, e que, estava presente na natureza criada, como também a natureza divina estava presente em todas as coisas, como já foi apresentado, e para se libertar desta natureza pecaminosa as faculdades da luz tornavam-se homens e mulheres para se o por a raça das trevas onde pelo ato sexual suas naturezas eram libertas do mal, e não só pelo ato

sexual, mas também pelo comer e beber libertavam a natureza divina deste mal que a aprisiona (Cf. *Ibid.*, p. 69).

Assim, a doutrina maniqueísta responde à questão da origem do bem e do mal isentando o ser humano de toda a responsabilidade, o homem não é responsável pelo mal. Pois o mesmo faz parte da sua natureza, isto é, é a natureza má presente na criação. Agostinho passa somente nove anos nesta seita e sua saída se dá por não saciar-se totalmente com as respostas dos maniqueus, vejamos agora como isto aconteceu.

2. DA CONVERSÃO AO NEOPLATONISMO

Estas respostas não saciaram completamente as dúvidas e anseios de Agostinho. E depois de um encontro decepcionante com Fausto, notável líder maniqueu, que não se mostrou apto para responder as questões que tanto o perturbavam. Como cita o próprio bispo de Hipona: “logo que transpareceu com suficiente clareza a imperícia de Fausto nestas ciências que o julgava eminente, comecei a desesperar de sua capacidade para me esclarecer e desfazer as dificuldades que embaraçavam meu espírito” (AGOSTINHO, 2004, p. 130). A partir deste momento começou a se desiludir da seita maniqueísta. E a questão do mal ainda não se dava por satisfatoriamente resolvida, e é neste momento que o bispo de Hipona tem contato com a doutrina neoplatônica e com Bispo Ambrósio de Milão.

Agostinho assume a cátedra na cidade de Milão e lá conhece o bispo Ambrósio, que era muito famoso por sua capacidade intelectual e piedade cristã. O filósofo africano se pôs a ouvir os sermões do bispo e a partir deles começou seu caminho para a cristandade, pois o método alegórico usado por Ambrósio parecia satisfatório para o estudo e compreensão das Sagradas Escrituras. Nas palavras do próprio Agostinho (*Ibid.*, p. 141):

Enquanto abria o coração para receber as palavras eloquentes, entravam também de mistura, pouco a pouco, as verdades que ele pregava. Logo comecei a notar que estas se podiam defender. Já não julgava temerárias as afirmações da fé católica, que eu supunha nada poder retorquir contra os ataques dos maniqueus. Isto conseguiu-o eu por ouvir muitíssimas vezes a interpretação de textos enigmáticos do Velho Testamento, que, tomados o sentido literal, me davam a morte. Expostos assim, segundo o sentido alegórico, muitíssimos dos textos daqueles livros, já reprendia o meu desespero, que me levava a crer na

impossibilidade de resistir àqueles que aborreciam e troçavam da lei e dos profetas.

Ao ouvir os sermões e conversar com Santo Ambrósio o autor das *Confissões* pode se aproximar cada vez mais do cristianismo católico e também foi despertado o seu interesse em uma questão que até o momento lhe era desconhecida: o conceito de substância espiritual. Ponto que lhe foi muito importante para refutação do maniqueísmo. Assim Agostinho (2005, p. 142) se põe como um catecúmeno na Igreja católica e refuta o maniqueísmo. Como apresenta o santo:

Determinei abandonar os maniqueístas, parecendo-me que não devia, nesta crise de dúvida, permanecer naquela seita à qual já antepunha alguns filósofos. [...] Por isso, resolvi fazer-me catecúmeno da Igreja católica, à qual os meus pais me tinham inclinado, até vir alguma certeza e elucidar-me no caminho a seguir.

Porém, mesmo aprendendo de Ambrósio a existência de uma substância espiritual, Agostinho, não conseguia responder as questões que incomodavam seu coração, não havia resolução para todas, inclusive ao problema do mal, que até este momento já o perturbava por anos. A questão se tornará por de mais complexa, pois segundo a fé católica Deus é o criador de todas as coisas, a única fonte ontológica de tudo, e criador *ex nihilo*, do nada (Cf. AGOSTINHO, 2004, p. 140, 172). Contrariando o argumento herege dos maniqueístas de duas forças ontológicas o bem e o mal. Então seria possível Deus ser o criador do mal, já que todas as coisas provem Dele? Esta era a questão que perturbava o bispo de Hipona, “Ele é bom e, por conseguinte, criou boas as coisas. [...] Onde está, portanto o mal?” (Ibid., p. 177).

Nesta época, em Milão, Agostinho entra em contato também com o neoplatonismo, e afirma deste modo: “deparastes-me por intermédio de um certo homem, intumescido por monstruoso orgulho, alguns livros platônicos, traduzidos do grego em latim” (Ibid., p. 183). Que serviu de alicerce para muitas de suas doutrinas inclusive para responder ao problema do mal.

Para Agostinho, seu encontro com tais doutrinas é decisivo para a sua construção de uma resposta ao problema do mal, já que o que lhe faltava era um conhecimento em metafísica, que adquiriu com os neoplatônicos. Destes o que mais lhe influenciou foi Plotino, que teve sua obra, *Enéada*, traduzida para o latim por Mario Victorino. O encontro que Agostinho teve com esta tradução foi fundamental para a formulação de

todo o seu pensamento, continuando a o influenciar após sua conversão. Agostinho (Ibid, p. 183) chega a dizer que deve aos neoplatônicos a compreensão do Verbo e sua iluminação:

Neles li, não com estas mesmas palavras, mas provado com muitos e numerosos argumentos, que ao princípio era o Verbo e o Verbo existia em Deus e Deus era o Verbo: e este, no princípio, existia em Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada foi criado. O que foi feito, n'Ele é vida, e a vida era a luz dos homens; a luz brilha nas trevas e as trevas não a compreenderam. A alma do homem, ainda que dê testemunho da Luz, não é, porém, a Luz; mas o Verbo – Deus – é a Luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo.

Gilson coloca Plotino como o autor que mais influenciou o neoplatonismo latino, e desta forma o próprio Agostinho que é tido como um influente pensador neoplatônico (Cf. GILSON, 1965, p. 119). Sobre Plotino sabe-se que nasceu em Licópolis, no Egito, no ano de 205. No ano de 244, com quarenta anos, funda em Roma uma escola de filosofia que teve funcionamento por vinte e cinco anos, falece no ano de 270. Seu trabalho é reunido por Porfírio, do qual foi mestre, num conjunto de nove tratados denominados *Enéadas*. Sua academia tinha por objetivo ensinar os homens a libertar-se deste mundo com a finalidade de unir-ser ao divino e nele deleitar-se até a união completa. O que parece, ao contrário das academias formadas pelos grandes filósofos que o precederam, a academia de Plotino possuía um caráter muito mais religioso e místico (Cf. REALE, 2008, p. 14,15,18).

Segundo Gilson (Cf. 1965, p. 120), a influência de Plotino no pensamento de Agostinho se dá principalmente pela definição do ser humano, que já se encontra em Platão, no diálogo *Alcebiades*, a qual demonstra uma hierarquia onde a alma é superior ao corpo, é a alma que vivifica o corpo lhe proporcionando vida. Definindo assim que da relação entre alma, corpo e mundo exterior as sensações são ações que a alma exerce sobre o corpo, que tem por objetivo informar e julgar as necessidades do corpo e sobre o mundo que o rodeia.

Sobre a relação entre alma e corpo, Plotino segundo Reale (2008, p. 105, 109), afirma uma tripartição que são nada menos do que potências da alma, onde o primeiro homem é a parte da alma que tangencia Espírito, o segundo homem é o pensamento discursivo que faz o meio entre o inteligível e o sensível, e por fim o terceiro homem é a parte da alma que vivifica ou anima o corpo. Das funções da alma, alma aqui a que

anima os corpos, atribui também a faculdade da imaginação e memória. Onde somente a alma é capaz de recordar, e não o corpo, pois este é a causa do esquecimento, assim a memória possui uma relação com a temporalidade.

Ainda sobre a alma, o filósofo diz que ela encontra em si mesma o conhecimento sobre os objetos. O aprendizado da verdade não se dá pelo conhecimento empírico, mas sim *a priori*. A mais alta atividade da alma está na sua liberdade, segundo indica: “No Absoluto a liberdade (absoluta) coincide com a volição do Bem (absoluto) ou com o querer ser com o Bem (absoluto)” (REALE, 2008, p. 111). Assim deve ser a liberdade para o ser humano, espelhando a liberdade do Absoluto. A liberdade humana consiste em se por na direção do Bem, a liberdade então se torna a mais alta virtude. Dirigir-se ao Uno, ou correr em direção ao Bem, é a reunificação com o Uno, que só será possível quando a alma se despojar de todo desejo. Este ato de purificação tem por significado separar a alma de todas as outras coisas que possam intervir neste caminho, deixa-la só (Cf. PLOTINO, 1948, p. 185).

Quanto à questão do mal desenvolve seu pensamento seguindo Platão que considerava o mal um não ser. Plotino (2006, p. 331) afirma que o mal é uma deficiência total do ser, uma corrupção, e o identifica com a matéria que é um não ser. Nas palavras do filósofo:

O mal não consiste numa deficiência parcial, mas em uma deficiência total: a coisa que falta parcialmente ao bem é má e pode também ser perfeita em seu gênero. Mas quando há deficiência total, como na matéria, então existe o verdadeiro mal, que não tem parte alguma de bem. A matéria não tem sequer o ser que lhe torna possível participar do bem: pode-se dizer que esta exista somente e um sentido ambíguo; na verdade a matéria é o próprio não ser.

A matéria, pelo filósofo, é tida como a negação absoluta de toda a forma, uma realidade indeterminada e indeterminável, esta matéria é uma imagem do inteligível, e como cópia se afasta do ser do original, desta forma está mais no mal do que no bem. Como dito por Plotino (Ibid, p. 189):

Nem alma, nem intelecto, nem vida, nem forma, nem razão, nem limite, (já que é ausência de limite), nem potência (pois o que poderia criar?). Privada como é de todos os caracteres, não pode sequer ser-lhe atribuído o ser no sentido, por ex., em que se diz que há movimento ou repouso; a matéria é verdadeiramente

o não ser, uma imagem ilusória da massa corpórea e uma aspiração à existência.

Em *Sobre o que são e de onde vêm os males*, Plotino, identifica a matéria como à essência do mal, um não ser, e de forma alguma uma contra força, um ente, contrário a natureza do bem. De maneira alguma sendo um oposto com efeitos contrários ao ente (Cf. PLOTINO, 2006, p. 334). Vimos até o momento o mal em sua composição metafísica, mas devemos nos perguntar como o filósofo identifica o mal no agir humano, o mal moral.

Quanto ao mal moral, para Plotino, ele está na relação entre alma e matéria. De que o desejo da alma em se relacionar com a matéria, de se autoafirmar a afastaria do inteligível e tornaria cada vez mais próxima da matéria. Nas palavras de Plotino (2006, p. 698)

Assim, a alma parcial é iluminada ao voltar-se para o que é anterior a ela - porque se encontra com o ente -, ao passo que, voltando-se para o que vem depois dela, volta-se para o não-ente. Faz isso quando se volta para si mesma; porque, querendo voltar-se para si mesma, cria o vem depois dela como imagem de si mesma, como se adentrasse o vácuo do não-ente e se tornasse mais indeterminada. E a imagem totalmente indeterminada dessa imagem é obscura: pois é totalmente irracional e ininteligível e muito afastada do ente. Voltada para a região intermédia, está onde lhe é apropriado, mas, olhando novamente sua imagem, como num segundo relance, a formata e, regozijando-se, a adentra.

E desta forma ainda Plotino (2006, 120) afirmava:

As almas, então, como não veem àquele [deus] nem a si mesmas, menosprezando a si mesmas por ignorância de sua estirpe, prezando as outras coisas e admirando a todas mais do que a si mesmas, [...]; desse modo, resulta que a causa do sua completa ignorância daquele é seu apreço pelas coisas daqui e o menosprezo por si mesmas.

Demonstrando de maneira clara que a origem do mal moral se dá pelo movimento contrário da alma, a qual não se dirige para o Uno e sim para as coisas matérias desta vida, não cumprindo com a sua liberdade que foi apresentada acima.

Depois de conhecer suas influências, o maniqueísmo e o neoplatonismo, vamos agora verificar como o filósofo africano desenvolveu sua resposta ao problema do mal e sua relação com a vontade humana.

3. DA RESPOSTA AO MAL E A VONTADE HUMANA

O problema do mal é uma questão metafísica, foi respondido assim pelos maniqueístas e por Plotino. É certo que para os discípulos de Mani a questão envolvia um dualismo entre o bem e o mal, e que em Plotino o mal é o não ser, a matéria. Porém, para Agostinho seu problema metafísico envolvia Deus, pois Deus é o sumo Bem e criador de todas as coisas, não há nenhum bem supremo a não ser Deus. Ele não pode mudar, visto que não há nada que possa adquirir para melhorar sua condição de perfeição, logo, o mal não pode ser parte da criação divina. Pois afirma Agostinho (2005, p. 3):

Deus é o Bem Supremo, acima do qual não há outro: é o bem imutável e, portanto, verdadeiramente eterno e verdadeiramente imortal. Todos os outros bens provem d'Ele, mas não são da mesma natureza que Ele. O que é da mesma natureza que Ele não pode ser senão Ele mesmo. [...] Assim, pois, o ser de todos os bens particulares, tanto os maiores como os menores, qualquer que seja o seu grau na escala das coisas, não pode proceder senão de Deus.

Assim, tudo que existe provém de Deus, não há nenhum espírito ou corpo que tenha surgido que não seja da vontade soberana d'Ele. E todo o que existe foi feito *ex nihilo*, o fato de ser criado a partir do nada confere a sua criação o caráter mutável e passageiro.

Segundo apresenta o filósofo africano, Deus conferiu a toda sua criação, seja espiritual ou corporal, a) um modo, b) uma espécie e c) uma ordem. A qual garante sabermos que as coisas criadas são boas, se as três forem proporcionalmente grandes a criatura será um grande bem, caso contrário será um bem pequeno e se forem nulas a criatura não terá nenhum bem e por consequência não existirá, visto que todas são bens em alguma escala (Cf. *Ibid.*, p. 7).

Então no que consiste o mal, visto que não pode ser oriundo de Deus o autor e provedor de todas as coisas?

A solução encontrada por Agostinho (2004, p. 187) é que todas as coisas que se corrompem são na verdade privadas de algum bem, como afirma o bispo de Hipona:

Por isso, se são privadas de algum bem, deixarão totalmente de existir. Logo, enquanto existem, são boas, e aquele mal que eu procurava não é uma substância, pois, se fosse substância,

seria um bem. Na verdade, ou seria substância incorruptível, e então era certamente um grande bem, ou seria substância corruptível e, nesse caso, se não fosse boa, não poderia se corromper.

Isto aprendeu de Plotino (2006, p. 331), o qual afirmava que o mal não era somente uma corrupção do ser, mas o próprio não ser, a matéria. Nas palavras do filósofo:

O mal não consiste numa deficiência parcial, mas em uma deficiência total: a coisa que falta parcialmente ao bem é má e pode também ser perfeita em seu gênero. Mas quando há deficiência total, como na matéria, então existe o verdadeiro mal, que não tem parte alguma de bem. A matéria não tem sequer o ser que lhe torna possível participar do bem: pode-se dizer que esta exista somente e um sentido ambíguo; na verdade a matéria é o próprio não ser.

Podendo então chegar a uma explicação metafísica do mal, negando as conclusões dualistas dos maniqueus.

O mal seria, então, a corrupção de algum destes bens: a ordem, o modo e a espécie. Nas palavras do bispo de Hipona:

“Ora, o mal não é senão a corrupção ou do modo, ou da espécie, ou da ordem natural. A natureza má é, portanto, a que está corrompida, porque a que não está corrompida é boa. Porém, ainda quando corrompida é boa. Porém, ainda quando corrompida, a natureza, enquanto natureza, não deixa de ser boa; quando corrompida, é má” (AGOSTINHO, 2005, p. 7).

Desta maneira podemos dizer que o mal não pode ser concebido fora do bem e cada vez que falamos do mal estamos supondo um bem que esteja sofrendo alguma corrupção, visto que se a corrupção for total não existirá o bem e por consequência nem o mal.

Assim, Agostinho (2004, p. 190) chega a sua conclusão sobre a questão do mal dizendo: “Procurei o que era a maldade e não encontrei substância, mas sim uma perversão da vontade desviada da substância suprema – de Vós, ó Deus – e tendendo para as coisas baixas: vontade que derrama as suas entranhas e levanta com intumescência”.

Esta vontade desviada, a qual é apresentada pelo teólogo, é o mal moral, o pecado, o qual Deus não pode ser o responsável, pois é justo. Este tipo de mal o filósofo

africano deixa a cargo da vontade livre do ser humano, que deveria estar sempre voltada para o sumo Bem, que é Deus. Porém ela se perverte buscando satisfazer-se nas coisas criadas, fazendo assim o mal. Fica evidente aqui a sua leitura de Plotino, o qual afirmava que a origem do mal moral estava no movimento contrário da alma que deixava seu caminho para Uno e seguia em direção a matéria. Como demonstra Agostinho (2011, p.68):

Cometer o mal não é outra coisa do que menosprezar e considerarmos os bens eternos – bens dos quais a alma goza por si mesma e atinge também por si mesma, e aos quais não se pode perder, caso os ame de verdade, e ir em busca de bens temporais, como se fossem grandes e admiráveis. Bens esses, experimentados com o corpo, a parte menos nobre do homem, e que nada tem de seguro.

Como pontuei na introdução deste trabalho e pudemos ver no desenvolvimento do pensamento agostiniano até o momento como a questão da vontade ou liberdade está no cerne do debate, pois é dela que se faz possível à construção de uma resposta ao problema do mal. Deixando Deus livre da questão, não o culpando, o nosso teólogo a encerra na problemática da vontade ou liberdade humana. Vimos que as suas motivações foram em muito dirigidas por uma força de exclusão externa em relação aos maniqueus e sabemos que no decorrer de sua vida terá embates contra Pelágio² e seus discípulos, os quais a partir de suas conclusões sobre o livre-arbítrio formaram uma doutrina que muda a economia do dogma da salvação ressaltando a autonomia da vontade e da liberdade humana diante da graça. Como estes embates se dão num período final de sua vida, preferimos neste trabalho nos ater as obras até as *Confissões*, pois na esteira de Almeida temos neste período suas dúvidas e inquietudes. Assim, sabendo que a vontade é o ponto central da questão devemos perguntar em que consiste à vontade para Agostinho?

2

Pelágio (c. 354-c.420), teólogo de origem britânica que no fim do século IV e início do século V foi reputado com mestre de vida cristã na Itália. Graças à oposição de Agostinho, esta doutrina foi condenada pelo concílio de Éfeso em 431. Pelágio ressaltava a autonomia da vontade e da liberdade humanas diante da graça, e negava a ideia de um pecado original. Assim todo homem que vier ao mundo se encontra no mesmo estado de Adão (Cf. ALMEIDA, 2012, p.122-124). Privilegio neste trabalho o momento inicial da obra de Agostinho, tempo este cheio de dúvidas e questionamentos e de seu embate com o maniqueísmo. Deixo para um trabalho futuro seu confronto com os pelagianos, já que se refere ao final da vida de nosso filósofo.

Almeida³ coloca que a questão da vontade, liberdade ou livre-arbítrio sob a pena de Agostinho são quase sinônimos de modo que “elas são radical e fundamentalmente inerentes à sua concepção de ser humano, mesmo se supondo o auxílio da graça para que ele se realize plenamente” (ALMEIDA, 2012, p. 127).

Para uma melhor compreensão da liberdade, vontade ou livre-arbítrio usaremos a obra *O Livre-Arbítrio*, redigido entre 387-395, a qual é um diálogo entre ele e seu amigo Evódio. O texto começa diretamente na forma de uma pergunta se é Deus o autor do mal, se o mal é uma substância criada por Deus ou um próprio Deus, a mesma questão que vimos no até o momento no livro VII das *Confissões*. Porém agora o teólogo africano se dedicará unicamente a desenvolver e explicar suas conclusões sobre o assunto proposto.

Para Agostinho Deus é o autor de todo o bem, o próprio Sumo Bem, como autor do bem jamais poderia praticar algum mal, pois deixaria de ser o Sumo Bem. Porém Deus não é somente um Deus de bondade ou amor, em seus atributos há também justiça e como Justo em si mesmo retribui a cada um segundo o que merece. Então se o ser humano padece de algum mal, um sofrimento, está recebendo a justiça por seus atos pecaminosos. Atos esses voluntários, onde cada um é responsável por suas más ações e tem por consequência a justiça divina (Cf. AGOSTINHO, 2011, p. 25).

Desta forma é a escolha, a vontade ou a liberdade do homem que o leva a pecar ou não, então ela pode ser separada em duas categorias de vontade: boa vontade e má vontade. A boa vontade é “a vontade pela qual desejamos viver com retidão e honestidade, para atingirmos o cume da sabedoria” (Ibid., p. 56). Desta forma Agostinho define a boa vontade e a coloca num patamar acima das riquezas, honras e prazeres do corpo. É a boa vontade que garante ao homem condições de fazer escolhas para o que é eterno e imutável de manter-ser na ordem universal da Providência divina. Pode-se dizer que se algum homem fez uso da boa vontade em sua vida e é virtuoso e por ser virtuoso fará bom uso das quatro virtudes cardeais que são: prudência, força, temperança, justiça. Da primeira sabe-se que é ter conhecimento do que deve ser desejado e do que deve ser evitado, na sequência é a disposição da alma para desprezar

3

Sigo a metodologia ensinada por Almeida onde os termos vontade, liberdade e livre-arbítrio como quase sinônimos Almeida. “Como já antecipei [...] vontade e liberdade, ou livre-arbítrio, são quase sinônimos sob a pena de Agostinho. Melhor: elas são radical e fundamentalmente inerentes à sua concepção do ser humano, mesmo se supondo o auxílio da graça para que ele se realize plenamente” (ALMEIDA, 2012, p. 127).

os dissabores, a temperança é a disposição para reprimir ou rejeitar as coisas de maneira correta, e a última é a virtude de dar a cada o que lhe é de seu merecimento. Os pontos cardeais são diretrizes para um viver sábio e nobre de alguém que faz uso da boa vontade, assim se opondo as coisas contrárias ao bem, pois o melhor que possui são as coisas imutáveis e eternas (Cf. *Ibid.*, p. 58).

Quanto à má vontade esta se caracteriza pela concupiscência e é inimiga do bem, seu amor está para as coisas temporais e terrenas. Ao fazer uso das vontades o homem acaba escolhendo para si se terá uma vida feliz ou infeliz. É uma grande verdade de que todos os homens querem e buscam a felicidade, mas se a má vontade dominar as escolhas este cairá numa vida infeliz, como define Agostinho, “é feliz o homem realmente amante da boa vontade e que despreza, por causa dela, todo o que se estima como bem, cuja perda pode acontecer, ainda que permaneça a vontade de ser conservado” (Cf. *Ibid.*, p. 60). Como podemos ver a busca de uma vida feliz é questão de todo ser humano, porém querer e fazer são coisas distintas. Todos podem querer uma vida feliz, mas se a buscarem na satisfação das coisas terrenas, não encontrarão, pelo contrário, se fizer uso da má vontade a certeza que terão é que só encontrarão tristezas e insatisfações. Já para conseguir realmente uma vida feliz se faz necessário o uso da boa vontade que o levará as virtudes cardeais e a praticá-las com felicidade e satisfação, encontrando a verdadeira felicidade.

No mesmo livro nosso filósofo coloca que a vontade humana é uma substância, um bem, como outra qualquer da criação divina, então, possui modo, ordem e espécie. Sendo que sua corrupção a torna uma vontade má, mesmo assim ela não deixa de ser um bem. Agostinho coloca a vontade humana como um bem médio, pois hierarquiza os bens da seguinte forma: as virtudes são grandes bens já que não podemos usá-las para o mal e sem elas não podemos ser honestos, como bem médio coloca as forças do espírito, sem ela é impossível viver honestamente e como bens mínimos os corpos, sem eles podemos viver honestamente (Cf. *Ibid.*, p. 138, 139). Vemos então, que a vontade é responsável não somente pelo mal, mas também pela capacidade de praticarmos as virtudes, por isso não devemos suspeitar que ela não devesse ter sido dada por Deus ao contrário é ela que possibilita o caminho para Deus. (Cf. *Ibid.*, p. 140). Então a vontade é o que possibilita ao homem ir em direção ao sumo Bem, ou ir em direção as coisas mutáveis.

Assim o paradoxo se dá propriamente na relação entre o agir humano e a o agir divino, à vontade e o dogma cristão sobre Deus. Trata-se de uma tensão que marca,

pontilha e anima uma oposição que se desenrola no interior de dois termos que, paradoxalmente, só podem ser pensados nas suas relações mútuas de exclusão e inclusão de forma que os opostos não cessam de se reconhecer e de se encontrar um no outro, ou um pelo outro. E este embate a qual o autor das *Confissões* está envolto se dá nas relações entre o mal, o bem e a liberdade que se excluem e incluem mutuamente.

Que fique claro o ponto de tensão, Agostinho é grego e latino ao mesmo tempo, desta forma dividido entre dois mundos, herdeiro do mundo que privilegia o destino e a ordem, e herdeiro do mundo em que a pessoa é independente e livre. É aqui que se evidencia a questão da liberdade e sua relação com a resposta ao problema do mal, chamado por Almeida de paradoxo da liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos ver Agostinho passou sua vida tentando resolver a relação existente entre o bem, o mal e a liberdade. Questão que o torturou desde sua juventude em que predominavam a dúvida, a interrogação e a busca. Busca essa que o levou ao maniqueísmo do qual não se satisfez, seja por imperícia dos líderes ou por não saciar um coração jovem e cheio de força.

Nesta sua busca percebemos que Agostinho é um homem dividido, particionado entre mundos, temos a influencia do pensamento grego antigo e sua reinterpretação por parte de Plotino que em muito ajudou em sua formação lhe apresentando à metafísica e um novo conceito de liberdade no agir humano. A influência do pensamento romano que desde seus estudos iniciais até a sua formação nas artes liberais lhe ensinaram a retórica, o valor das palavras e que elas não exprimem tudo o que se quer dizer e que o homem é uma pessoa jurídica livre e autônoma para tomar suas decisões, disto sabemos observando como inclui a liberdade não só como ponto central para uma resposta ao problema do mal, mas como questão central na vida do sujeito sendo ela a causa dos movimentos. E por fim um homem dividido, pois também é cristão e como tal sujeito a dogmas e a axiomas que necessitam de fé, mas que não excluem a dúvida e muitas vezes não respondem os anseios de uma mente perspicaz, daqui a sua luta para isentar, a todo custo, Deus de qualquer relação com o mal, e colocando o livre agir humano como responsável por um movimento contrário ao que cumpre sua finalidade.

Ainda na esteira de Almeida podemos observar como as reações de Agostinho até o presente momento se dão por exclusão externa. Por exclusão externa

compreendemos um corte total com relação ao universo simbólico no qual o sujeito estava inserido. Que neste caso era o maniqueísmo e ao romper definitivamente dedica seus esforços numa luta ferrenha para que tal heresia seja extirpada.

Sabemos que o nosso teólogo sempre esteve em conflito, se com o maniqueísmo ou no fim de sua vida com as questões pelagianas, mas o que se faz saltar aos olhos é o ponto de tensão que sempre foi o mesmo: a liberdade ou vontade e sua relação com o bem e o mal. E que depois dele muito outros pensadores se puseram a procurar responder a relação existente entre o bem, o mal e a liberdade. Vale então em trabalho futuro verificar se houve alguma mudança entre sua concepção de liberdade inicial, contra os maniqueus, e a de seus confrontos com os pelagianos, visto que neste momento já é bispo da Igreja e suas obras possuem um caráter muito mais dogmático, e o fato de sua própria doutrina estar sendo usada contra a Igreja. Eis aí o *Paradoxo da Liberdade*, o problema do mal em Agostinho.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Editora: Nova Cultural Ltda., São Paulo, 2004.
- _____. **A Natureza do Bem**. Editora: Sétimo Selo, Rio de Janeiro, 2005.
- _____. **O Livre Arbítrio**. Editora: Paulus, São Paulo, 2011.
- ALMEIDA, Rogério M. de. **A Fragmentação da Cultura e o Fim do Sujeito**. Editora: Loyola, São Paulo, 2012.
- EVANS, G. R. **Agostinho Sobre o Mal**. Editora: Paulus, São Paulo, 1995.
- GILSON, Étienne. **Lá Filosofia En La Edad Media**. Editora: Gredos, Madrid, 1965.
- REALE, Giovanni. **Plotino e Neoplatonismo**. Editora: Loyola, São Paulo, 2008.
- PLOTINO. **La Enneadi** – Vol 1. Editora: Istituto Editoriale Italiano, Millão, 1948.
- _____. In: JÚNIOR, José Carlos Baracat. **Plotino, Enéadas I, II e III; Porfírio, Vida de Plotino** – Introdução, tradução e notas. Vol 1. 2006, 684 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.